

PARA DECIFRAR O MUNDO DO TRABALHO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM A TÉCNICA DA ENTREVISTA

Hiago Trindade¹

Resumo: Discorremos sobre algumas contribuições teórico-metodológicas fornecidas por Marx ([1880] 1982) e por Engels ([1845] 2010) para conhecer a realidade dos sujeitos que vivem da venda de sua força de trabalho, e, posteriormente, a partir de um relato de experiência ancorado na realização de entrevistas com operários da indústria têxtil, tecemos reflexões sobre as contribuições da entrevista enquanto ferramenta metodológica relevante para apreensão da realidade.

Palavras-chave: Trabalho; Entrevista; Relato de experiência; Conhecimento da realidade.

Resumen: Escribimos acerca de algunas contribuciones teórico-metodológico proporcionadas por Marx ([1880] 1982) y por Engels ([1845] 2010), para conocer la realidad de los sujetos que viven de la venta de su fuerza de trabajo. Más adelante, desde un relatório de experiência anclado en entrevistas con los obreros de la industria textil, tejemos reflexiones acerca de las contribuciones de la entrevista cómo herramienta metodológica importante para la apreciación de la realidad.

Palabras clave: Trabajo; Entrevista; Relatório de experiência; Conocimiento de la realidad.

Abstract: We discuss some theoretical-methodological contributions provided by Marx ([1880] 1982) and Engels ([1845] 2010) to learn about the reality of the subjects who live off the sale of their workforce, and, later, from a report of experience anchored in conducting interviews with workers in the textile industry, we reflect on the contributions of the interview as a relevant methodological tool for understanding the reality

Key-words: Work; Interview; Experience report; Knowledge of reality.

Introdução

A compreensão das condições de existência da classe trabalhadora sempre despertou o interesse de diversos sujeitos. Para produzir dados a esse respeito, vários estudos, sobretudo no âmbito da sociologia do trabalho, foram desenvolvidos a partir da recorrência às mais variadas técnicas e fontes de pesquisa (Cf. por exemplo, BASSO, 2018; ABILIO, 2014; GEORGES; CABANES; TELLES, 2011). Dentre os autores mais clássicos, as investigações levadas a cabo por Marx e por Engels se inscrevem em uma tradição teórico-política empenhada em compreender, para além da aparência e dos tendenciosos dados produzidos

¹ Professor Assistente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG - Campus Sousa). Bacharel e Mestre em Serviço Social. Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Interessa-se, particularmente, por estudos e debates na área de Serviço Social e trabalho profissional, assim como no campo da sociologia do trabalho. . Email: hiagolira@hotmail.com.

pelos sicofantas da burguesia, a real situação da classe trabalhadora nos marcos do modo de produção capitalista.

Por isso, os estudos desses filósofos priorizaram o contato com os sujeitos da classe trabalhadora nos círculos políticos, nos bairros operários e nos espaços que, em geral, o operariado se inseria, rendendo-nos elementos teóricos significativos. Ilustrativo desse esforço é o questionário elaborado por Marx ([1880] 1982) para expor as condições e a configuração da classe operária na França, bem como a instigante pesquisa de Engels ([1845] 2010) sobre a situação da classe trabalhadora na Inglaterra. A partir desses estudos (mas não apenas!), os autores ofereceram contribuições valiosas para o entendimento e a transformação da realidade. Por sua vitalidade, o legado dessa tradição teórica e política permanece vivo nos dias atuais e incentiva a realização de novos estudos centrados em compreender a classe trabalhadora no quadro das constantes mutações verificadas no modo de produção capitalista.

Na esteira dessa tradição, pretendemos, com este artigo, relatar a nossa experiência com a aplicação de entrevistas semiestruturadas junto aos trabalhadores da indústria têxtil Casa de Costura². Como se sabe, o relato de experiência se presta a descrever uma determinada situação, vivenciada por indivíduos e/ou grupos, a partir da qual seja possível apresentar um conjunto de reflexões e ponderações teóricas e metodológicas relevantes para os sujeitos interessados naquele tema/vivência.

Portanto, é importante frisar que, neste texto, não analisaremos os dados empíricos obtidos com a pesquisa³ mas, sim, apontaremos um conjunto de aspectos técnicos relacionados à nossa inserção em campo durante a aplicação/produção das entrevistas, demonstrando sua validade enquanto ferramenta metodológica útil à apreensão da realidade⁴.

Assim, não pretendemos oferecer “receitas” prontas ou demarcar procedimentos rígidos para a ação da entrevista, mas sim indicar o percurso e os percalços que nos conduziram na produção de dados no âmbito da investigação empreendida junto aos trabalhadores do ramo têxtil, com vistas a extrair desse processo lições importantes para todos aqueles interessados em utilizar a técnica da entrevista para descortinar o mundo do trabalho na sociedade contemporânea.

²Casa de Costura é o nome fictício da indústria que nos serviu de mote investigativo durante a realização da pesquisa.

³Aos interessados na análise dos dados propriamente ditos, indicamos a leitura de Trindade (2017).

⁴Corroboramos a compreensão segundo a qual “[...] em seus vários tipos, características, modelos e formas de abordagem do sujeito pesquisado, [a entrevista] possibilita ao pesquisador uma aproximação com a realidade que procura compreender por meio da interação da tríade: pesquisador, objeto de pesquisa e sujeito pesquisado” (SANTOS, *et al.*, 2014, p. 49).

1. O mundo do trabalho: algumas contribuições de Marx e Engels

Nesse tópico, faremos menção a dois esforços envidados por Karl Marx e por Friedrich Engels na direção de contribuir com a tarefa de aprofundar o entendimento acerca das condições de existência da classe trabalhadora, a saber: a Enquete Operária, produzida por Marx, e o livro “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”, de Engels.

Em 1880, Marx elabora um questionário de pesquisa, impulsionado pela necessidade de conhecer, rigorosamente, as condições de existência do operariado francês, dado que, como aponta o autor, as informações existentes até aquele momento histórico (fins do século XIX) não eram capazes de fornecer esse quadro (MARX, [1880] 1982). Para tal exercício, a escolha do questionário não é ocasional. Pelo contrário, ao eleger esse instrumento, Marx demonstra que o mesmo constitui uma via favorável para estabelecer contato com os trabalhadores de diversos ramos e regiões e, igualmente, para desenvolver reflexões acerca de questões nevrálgicas para assimilar melhor a realidade.

Assim, no preâmbulo que antecede as perguntas, Marx afirma: “confiamos contar [...] com a ajuda de todos os operários da cidade e do campo, conscientes de que apenas eles podem descrever, com todo conhecimento de causa, os males que suportam [...]” (MARX, [1880] 1982, p.249). Com isso, o pensador alemão nos demonstra que a elaboração da teoria – entendida enquanto reprodução ideal do movimento do real (NETTO, 2009) –, deve ser pensada a partir das informações de quem vive no cotidiano e na pele, os impactos da forma de organização societal vigente.

Todavia, como sabemos em Marx o conhecimento não se constrói apenas para compreender as determinações que dinamizam a realidade, ao contrário, deve fornecer elementos que possibilitem operar transformações nessa mesma realidade. Nesse sentido, como enfatiza um estudioso do tema, “não se pode separar esta enquete de seu trabalho político geral, que tem como único objetivo transformar os proletários numa classe antagonista, ‘unindo-a pela organização’ e ‘guiando-os pelo saber’” (LANZARDO, 1982, p. 237).

A enquete de Marx é constituída por 100 perguntas⁵, distribuídas em quatro eixos principais. Em linhas gerais, a partir da leitura desses eixos, podemos identificar que, no primeiro deles, o autor se preocupa em compreender o espaço físico e as estruturas laborais

⁵ Além das 100 perguntas propriamente ditas há um espaço para que os operários apontem outros aspectos que considerassem relevantes.

em que se inserem os trabalhadores. Já na segunda parte, prioriza-se o entendimento da conformação das condições e relações de trabalho assentadas na exploração e dominação de classe. Por sua vez, a terceira parte se preocupa, dentre outros aspectos, com as formas de regulação jurídica que balizam o trabalho dos operários arguidos. Na última parte, Marx busca obter informações acerca dos processos de organização política da classe trabalhadora e, em especial, do movimento sindical.

Por certo, diante das intensas transformações processadas no modo de produção capitalista, algumas questões contidas no questionário de 1880 não oferecem mais validade no atual tempo histórico. Outras, contudo, permanecem atuais e, inclusive, podem servir de norte para a realização de novos questionários, quando se tem em vista compreender as condições e as relações de trabalho no ramo fabril-industrial, como nos faz crer Thiollent (1982). No estudo que fizeram acerca da enquete operária de 1880, Alves e Jackson Filho (2017) apontam alguns elementos capazes de demonstrar a atualidade desse questionário. Dentre eles destacam o fato de que a enquete: “explora problemas de saúde e de vida que continuam presentes no mundo contemporâneo; relaciona problemas de saúde e de vida dos operários ao processo de produção capitalista” (ALVES; JACKSON FILHO, 2017, p. 27).

De um modo ou de outro, independentemente das questões (consideradas isoladamente), há que indicar que a enquete formulada por Marx possui um sentido e uma direção sociopolítica, a saber: a compreensão das condições de vida e existência da classe trabalhadora guiada por uma perspectiva crítica e englobando a totalidade de aspectos que marcam a condição de trabalhador assalariado na sociedade – e esta é uma questão da maior importância para pensarmos a realização de estudos e pesquisas na realidade hodierna.

Por seu turno, o estudo de Friedrich Engels ([1845] 2010) também é fundamental para analisar as condições de existência do operariado. Sua obra seminal, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra* foi escrita durante seus tempos juvenis, no entanto, já é reveladora de uma densa maturidade teórico-intelectual, sendo marcada por importantes informações produzidas a partir de diversas fontes investigativas, tais como jornais, documentos/relatórios dos organismos oficiais emitidos na época e anotações sistemáticas a partir de suas visitas de campo. Tais informações, oriundas da inserção direta do autor nos meios operários e sistematizadas sob a forma de texto, forneceram-nos um excelente panorama da realidade inglesa em suas conexões e articulações mais íntimas. Constitui, portanto, um importante documento e um marco quando se pretende investigar os meandros do mundo do trabalho.

Em um relato de sua experiência para a produção desse texto, afirma o autor:

Durante vinte e um meses, tive a oportunidade de conhecer de perto, *por observações e relações pessoais*, o proletariado inglês, suas aspirações, seus sofrimentos e suas alegrias – ao mesmo tempo em que completava minhas observações recorrendo às necessárias fontes originais. *Tudo que vi, ouvi e li está reelaborado neste livro* (ENGELS, [1845] 2010, p. 41 – Grifos nossos).

Dessa forma, Engels demonstra que as condições de vida dos trabalhadores devem ser pensadas tendo em vista o modo pelo qual são conformadas as relações no espaço social e laboral em que se inserem. Nesse sentido, o esforço e um dos méritos de Engels reside, a nosso ver, na sensibilidade que teve o autor para sistematizar os dados com os quais se defrontou a partir dos diálogos com os operários, das impressões extraídas nos espaços percorridos e das leituras as quais que procedeu para enriquecer suas ideias. Como alude transcrição acima, tudo que viu, ouviu e leu foi reelaborado para o livro, o que implicou a escolha de determinados caminhos e direcionamentos.

Assim, podemos afirmar que a realidade relatada por Engels se fez possível a partir das conversações que realizou com os trabalhadores com os quais conviveu ao longo de um expressivo período de tempo. Certamente, em seu contato e interação cotidiana com esses sujeitos, Engels os interrogou sobre diversas questões indispensáveis para captar suas condições de vida e existência, seus reveses e dificuldades. Talvez por isso sua obra seja tão viva e pulsante.

De fato, Friedrich Engels ([1845] 2010) logrou revelar um retrato das precárias condições de vida da classe operária inglesa na primeira metade do século XIX. No contexto investigado pelo referido pensador, deparamo-nos com um conjunto de sujeitos – homens, mulheres, crianças e idosos – que vivem em vilas operárias as mais degradantes, sem quaisquer condições de higiene e salubridade, permeadas por poças de lama, lixos, fezes, pela poluição do ar etc.

Segue o autor indicando que, nos minúsculos cubículos em que se encontram, os operários vivem espremidos e, muitas vezes, têm de dividir o espaço já reduzido com porcos e/ou outros animais. Os móveis são raros ou inexistentes em alguns desses casebres. No mais das vezes, dormem, em “colchões” de palha, improvisados e, para conseguirem se agasalhar do frio muitos têm à disposição apenas a roupa esfarrapada que veste suas peles. Devido aos baixíssimos salários, a alimentação também é deveras precária, consistindo em reduzidos produtos, sem qualidade alguma (ENGELS, [1845] 2010).

Como se nota, a existência do operariado inglês sempre foi permeada por inúmeras dificuldades, que atravessavam sua vida do momento em que abriam os olhos ao amanhecer e permaneciam até a hora em que se recolhiam para dormir. As ausências diárias, a incerteza sobre o futuro, as mazelas e o pauperismo do presente davam o perverso sentido à vida desses sujeitos. As dificuldades – não de maneira natural – parecem fazer parte da biografia dos trabalhadores em todos os lugares do mundo em que eles se encontram, condicionadas historicamente pelas condições sociais de existência. Elas marcaram o século XIX e permanecem hoje mediadas pelas determinações dos novos tempos em que nos encontramos. Por suposto, para além das equivalências que podemos registrar entre os diferentes tempos históricos, e que nos auxiliam na condução de nossas formulações teóricas, o estudo de Friedrich Engels oferece pistas metodológicas fundamentais para direcionarmos nossas pesquisas sobre o mundo do trabalho na realidade atual.

Oferece, igualmente, contribuições políticas. Afinal, nenhuma relação social é produzida ao acaso: determinados contatos, fricções, embates e disputas entre sujeitos dinamizam a arena social, sendo polarizados por interesses antagônicos. Em seu texto, Engels (2010) evidencia isso em cada uma das páginas escritas e, ao mesmo instante, nos convida a tecer ações que busquem converter nossos estudos sobre as condições de existência do operariado em mola propulsora para sua libertação.

A técnica da entrevista para desvelar o mundo do trabalho: um relato de experiência

Em sua pesquisa sobre a precarização do trabalho das revendedoras de produtos da Natura, Ludmila Abilio (2014) relata que o contato com as trabalhadoras para a realização das entrevistas que realizou ocorreu a partir das pessoas com as quais já estabelecia contato. Diz ela: “Para a realização da pesquisa empírica, cheguei às vendedoras por diversos canais. O primeiro deles partiu de minha própria rede de relações pessoais. É muito fácil encontrar uma vendedora Natura na cidade de São Paulo” (ABILIO, 2014, p. 14).

Conosco, ocorreu algo semelhante. De imediato, sabíamos da impossibilidade de entrevistar os trabalhadores a partir de uma inserção na unidade fabril em que desempenhavam suas funções. Cercados por esse problema, a nossa primeira alternativa para “ultrapassar” os muros que escondem a Casa de Costura surgiu em uma das tantas conversas travadas acerca do que, na época, constituía o nosso projeto de dissertação de mestrado. Ao longo dos tempos, íamos encontrando, cada vez mais, sujeitos que conheciam os

trabalhadores da indústria, até que nos deparamos com a ex-operária, Rosey Safran⁶, que se disponibilizou a percorrer, conosco, o bairro em que residia, local onde também habitavam uma série de outros operários da indústria.

A contribuição de Rosey Safran foi decisiva para que conseguíssemos entrevistar os sujeitos. Ela nos conduziu por duas regiões do bairro em que residia. Desde o início do percurso, seguimos caminhando por entre os becos estreitos, ruas sem calçamento e permeadas por esgoto a céu aberto com o intuito de ir de encontro aos trabalhadores da “Casa de Costura”. Naquele bairro, os operários se encontravam por todos os lados. Ao chegar na casa de uns, éramos sempre informados de outros sujeitos que estavam por perto, e que poderíamos entrevistar. “*Ah, aqui quase todo mundo já trabalhou na Casa de Costura*”, diziam. E assim, de casa em casa, fomos conversando com os mesmos, explicando-lhes um pouco das nossas intenções de estudo e convidando-os a participarem de nossa empreitada.

Era uma manhã de sábado, e algumas das pessoas com quem Rosey havia realizado contato prévio para agendar a nossa entrevista não se encontravam em suas residências. Normalmente, como elas trabalham de segunda a sexta-feira, os dias de sábado são elegidos para fazer visitas aos familiares ou, ainda, para realizar outras atividades de lazer. Ou seja, estavam fazendo ações que são impedidos de realizarem nos outros dias, em virtude da rotina de trabalho que possuem.

Mas, também figuram entre as ações exercidas durante os sábados as atividades domésticas. Uma das pessoas que encontramos para dialogar foi Dora, uma experiente trabalhadora do ramo têxtil. Ao tomar ciência do nosso objetivo em entrevistá-la, adiantou-se em dizer que poderia contribuir, desde que fosse rápido, pois estava “*lavando roupa*” e com “*um frango no fogo*”. Explicava-nos que não poderia demorar muito tempo conosco, porque utilizava o final de semana para ordenar as atividades em sua residência. Realmente, de dentro da casa (nós ficamos na área) alguém gritava para que ela fosse à cozinha, e, com outro grito, ela respondia pedindo para não deixar o frango queimar e indicava que iria tão logo terminasse de “*responder o questionário do menino*”. Essa entrevista se deu a passos

⁶Ao longo desse texto, a fim de garantir os preceitos éticos que envolvem a pesquisa, substituímos os nomes dos(as) entrevistados(as) por outros. Elegemos, para identificá-los, nomes de operários e operárias da indústria têxtil *Triangle Shirtwaist*, localizada em Nova Iorque, onde eram, tal como as trabalhadoras da Casa de Costura, submetidas a extensas e duras jornadas de trabalho. Em 1911, no início do século XX, sucedeu-se naquela fábrica um terrível acontecimento: um incêndio se alastrou pelo prédio, levando cruelmente a morte de cerca de 146 jovens costureiras. O episódio marcou fortemente as pessoas à época, e ainda nos dias atuais é aludido; inclusive, serviu de motivação para a eclosão de protestos e para a promulgação do dia internacional da mulher, em 8 de Março (Cf. GONZÁLEZ, 2010).

acelerados e, por vezes, com um toque de bom humor, mesmo que algumas situações descritas carregassem o peso de uma tragédia.

A entrevista foi muito interessante, não apenas pelos dados sobre as condições e relações de trabalho relatados por Dora, mas pelas próprias condições em que nos deparamos para a sua realização. A maneira como a entrevistada agia parecia coincidir com o que Alves (2014) descreve como modo de vida *just-in-time*. Em resumo, trata-se de um modo de reprodução social reduzido e condicionado a partir da lógica que impera com o toyotismo. Assim, por meio desse, o estilo de vida criado e conformado na fábrica não fica restrito apenas aos seus espaços, mas invade e condiciona a totalidade da vida do trabalhador, da fábrica ao lar, do lar à fábrica.

Foi isso que notamos em Dora: a correria para a realização de diversas atividades, a fala apressada para não perder tempo e a superação das barreiras que poderiam lhe impedir de realizar suas tarefas naquele dia⁷. Dora procura adequar todos os seus movimentos e demarcar bem todos os seus passos para que tudo saia nos conformes, tal como ela também aprendeu a fazer no espaço fabril-industrial, a partir da confecção de roupas. A vida da operária se reduz ao trabalho, e, ao passo em que isto ocorre, outras esferas importantes ficam em segundo plano, como a saúde, por exemplo, ou, ainda, a dimensão das vivências afetivas. De um modo ou de outro, uma coisa é certa: há ausência de sentido na existência da operária que entrevistamos, cuja situação, certamente, estende-se a tantas outras pessoas.

A partir da entrevista de Dora, pudemos, então, avançar no entendimento de como o modo de vida *just-in-time* se expressava na realidade concreta, o que, junto com os dados produzidos a partir das respostas da entrevistada, forneceram-nos análises interessantes e pertinentes. Nesse sentido – e no que concerne especificamente à técnica da entrevista – fica explícita a necessidade de que o pesquisador esteja atento não apenas às respostas que são transmitidas, mas que também observe o contexto em que as mesmas se inserem, tendo em conta enriquecer heurísticamente o material produzido. Tal perspectiva é reafirmada por Dal Rosso, quando, ao indicar os caminhos metodológicos de seu estudo sobre a intensificação do trabalho, enfatiza que “[...] a observação pode constituir um elemento complementar de grande valia [...]” (2008, p. 92).

Na continuidade de nossas andanças pelo bairro operário, deparamo-nos com outras pessoas que utilizavam o fim de semana para descansar. Em uma das residências visitadas se

⁷ Referimo-nos, mais especificamente, ao fato de a operária ter despertado acometida por fortes dores na coluna e, mesmo assim, ter ido “*pôr as coisas em ordem*”.

encontrava Bennie Sklawer, um jovem que já havia exercido suas atividades na indústria. Ao chegarmos, estava “cochilando”, mas sua mãe disse que não haveria problema em chamá-lo para que conversasse conosco. Prontamente, ele veio para a sala, onde a entrevista foi realizada. Atenta, sua mãe tentava acompanhar tudo, e sentíamos que ela realmente desejava contribuir com a nossa pesquisa. Contudo, em alguns momentos, quando o jovem se utilizava de expressões ou gírias do cotidiano, ela retrucava: “*Bennie, fale direito!*”. Esse comportamento persistiu até o fim da entrevista, mesmo depois de termos explicado para a senhora que não havia nenhum tipo de problema com a forma pela qual o seu filho se expressava.

A realização de entrevistas nem sempre ocorrerão nas melhores condições possíveis. No caso em apreço, as constantes interrupções da mãe de Bennie Sklawer certamente dificultaram a condução do processo, dado que, em alguns momentos, o jovem perdia a linha de raciocínio que estava construindo para responder as perguntas realizadas. Assim, a obtenção de um conjunto de informações relevantes para a pesquisa só foi possível porque, ao longo do processo, estávamos atentos à sua fala, o que nos permitiu resgatar expressões-chave e ideias que o possibilitaram lembrar e retomar o relato.

Essas duas entrevistas foram as que mais nos despertaram atenção, e, a nosso ver, oferecem lições importantes para a utilização da técnica da entrevista. De modo geral, nessas e em outras entrevistas realizadas, todas as pessoas foram muito atenciosas, receberam-nos bem e responderam as questões formuladas. Mas notamos que dois sentimentos se fizeram presentes na relação com os nossos entrevistados, quais sejam: a timidez e o receio. Certamente, um dos fatores que explica tais sentimentos diz respeito à nossa presença, enquanto pesquisadores, adentrando seus universos. Ora, ainda que estivéssemos acompanhados de uma ex-operária, com quem mantinham relações, não deixávamos de ser estranhos.

Mas, por suposto, tínhamos a compreensão de que esse receio não derivava, única e exclusivamente, da nossa presença em suas casas. As leituras e as entrevistas que já havíamos realizado até o momento nos forneciam a compreensão de que os medos e olhares assustados derivavam, em grande medida, da situação de instabilidade que permeia os operários da indústria em questão. Isso porque, dado o fluxo constante de admissões e de demissões na indústria, os trabalhadores têm em conta que qualquer situação pode se transformar em um elemento capaz de levá-los ao desemprego e, assim sendo, revelar as condições e as relações de trabalho às quais estavam submetidos no espaço fabril, o que poderia ser algo “perigoso”.

Não por acaso, notamos que tal receio era mais evidente entre aqueles que ainda estavam trabalhando no espaço, mesmo diante da explicação dos objetivos da pesquisa e da indicação dos princípios éticos que garantiriam o total anonimato das falas.

No geral, houve falas extensas e outras mais curtas – e, nem por isso, menos importantes. Conseguimos, por meio delas, apreender diversas novidades, aprofundar alguns conhecimentos e, até mesmo, confirmar algumas questões que, para nós, ainda se apresentavam como hipótese. Ademais, cumpre lembrar que, numa entrevista, não são apenas as falas literais que se convertem em dados sobre a realidade. Como bem demonstrou a experiência da entrevista com Dora, os gestos, as ações e as emoções também se apresentam como chaves interpretativas importantes para se compreender o que não é dito – e esses elementos podem e devem fazer parte de nossa análise, sempre que considerarmos pertinente.

Nessa direção, sempre que nos deparávamos com situações em que os sujeitos entrevistados demonstravam alguma dificuldade ou receio em falar, tentávamos, com o que já havíamos aprendido nos manuais de pesquisa, encontrar formas de instigá-los com o intuito de ampliar o debate. Utilizávamos expressões de interesse, como: “*nossa!*” ou ainda “*é mesmo?!*” e, algumas vezes, pedíamos mais diretamente para que eles aprofundassem algumas passagens de suas falas.

Em algumas entrevistas, a técnica funcionou e nos possibilitou avançar no diálogo com os trabalhadores, produzindo dados interessantes. Em outras, contudo, não obtivemos o mesmo êxito. Uma de nossas conversas é ilustrativa, nesse sentido. Nela, a entrevistada Annie Rosen se reduziu, na maioria das vezes, a nos dar como resposta “*sim*” ou “*não*” e, às vezes, fazia apenas acenos com a cabeça para confirmar ou negar alguma pergunta.

Assim, a entrevista se desenvolveu a passos rápidos. O nosso roteiro, que possuía um total de 12 (doze) perguntas, foi respondido em um curto período de tempo. Percebemos que, para obter mais elementos da experiência daquela operária, necessitaríamos formular uma série de outras perguntas, o que, de imediato, não se constituiria como um problema, já que havíamos elegido a entrevista de tipo semiestruturada para nos orientar na produção de dados. Todavia, naquele instante, entendemos que formular essas perguntas a partir das respostas (quase sempre afirmativas e/ou negativas) que nos chegavam poderia, em alguma medida, tendenciar os rumos de sua fala, e, por isso mesmo, não envidamos tal esforço.

Ademais, mesmo nas respostas não limitadas pelo “*sim/não*”, Annie parecia não estar disposta a contribuir conosco. Por exemplo, quando perguntamos sobre as atividades que desenvolvia na fábrica, respondeu-nos: “*ah, eu costuro!*”. Em um primeiro momento

supusemos que, por algum motivo, a entrevistada não havia compreendido a pergunta. Continuamos, então, tecendo indagações acerca de sua dinâmica e rotina diária no âmbito da empresa, quando, novamente, ela respondeu: “*É com uma máquina, eu faço roupas*”. Ou seja, as informações repassadas pela entrevistada eram basilares e não nos permitiam avançar na compreensão mais aprofundada da realidade e de sua condição de trabalhadora.

Essa foi uma entrevista que nos marcou significativamente no processo de produção de dados, pois, quando foi realizada, já nos encontrávamos bastante cansados em virtude das andanças sob sol forte e da quantidade de pessoas que já havíamos contactado. Mas, ao mesmo tempo, também entendíamos que as respostas simplistas, e mesmo a falta de interesse, estavam bastante ligadas aos medos e aos receios do que aquela entrevista poderia ocasionar à Annie Rosen, caso “caísse em mãos erradas”.

É preciso ter em mente que, ao eleger determinada técnica de pesquisa, iremos nos beneficiar de suas potencialidades, mas, também, defrontar-nos-emos com seus limites, alguns dos quais apontados por Gil (2008). No exemplo acima relatado, tornam-se visíveis alguns desses limites: a falta de motivação da pessoa entrevistada e seu desinteresse representaram, de fato, óbices à produção de dados sobre a realidade.

Com outras pessoas, conseguimos vencer essas dificuldades iniciais. Lembramos do desconforto de Ida Jacobowski, uma jovem operária recém-ingressa na empresa, a qual tentava procurar formas de nos dizer que estava receosa com o processo. Nesses momentos, enquanto pesquisadores, também nos sentíamos bastante apreensivos na tentativa de deixar a trabalhadora na situação mais confortável possível para o diálogo. Assim, preocupávamo-nos em encontrar a melhor maneira de fazer as perguntas, as expressões mais adequadas para usar, a mais coerente sequência, etc.

Percebemos que tais receios, tanto os dela, quanto os nossos, foi sendo rompido no decorrer da entrevista, porque conseguimos estabelecer uma relação de confiança. Como asseveram alguns estudiosos da técnica de entrevista, “Na medida em que o pesquisador vai inquirindo o pesquisado, ele também vai sendo observado e, conforme as impressões que o primeiro deixa no segundo, este vai respondendo com maior ou menor disposição e precisão, para não dizer fidedignidade” (SANTOS, *et al.*, 2014, p. 32-33).

Além disso, colocávamo-nos a refletir sobre como faríamos os questionamentos que envolviam uma avaliação mais crítica da indústria. Algumas vezes, os sujeitos entrevistados nos transmitiam essas informações sem perceberem o teor que elas possuíam, dada a naturalidade com a qual se revestiam para eles. Em outros casos, contudo, deparávamo-nos

com algumas resistências. Nessas situações, antes de fazermos as perguntas sobre os aspectos mais críticos do trabalho na indústria, procurávamos indagar os trabalhadores sobre o que eles consideravam positivo naquele espaço. Após ouvir as respostas, costumávamos seguir o diálogo afirmando algo do tipo: “*mas, sabemos que em tudo na vida há sempre pontos positivos e, também, negativos. Ou, então, aspectos que precisam melhorar[...]*”. Em geral, depois de fazermos essa reflexão, os trabalhadores se sentiam mais à vontade e expressavam sua avaliação, ainda que, muitas vezes, fizessem ponderações do tipo: “*mas isso não é muito prejudicial*”, “*mas isto não interfere muito*”.

Para além das entrevistas realizadas no bairro operário, com a ajuda de Rosey Safran, também realizamos entrevistas em outros espaços. Uma delas ocorreu com uma trabalhadora do setor gerencial-administrativo. Como sabemos, o gravador é um instrumento que, apesar de facilitar o processo de transcrição e sistematização dos dados, pode gerar, para os entrevistados, certos receios e/ou desconfortos. Com Rosey Sorkin isso ocorreu. Após apresentarmos a pesquisa, a trabalhadora aceitou conversar conosco, sem que o seu testemunho fosse registrado com o aparelho. Nesse caso, precisamos coletar as informações que considerávamos importantes em nosso diário de campo, o que conferiu outro ritmo e também outras preocupações no que tange à condução da entrevista. Afinal, sem o gravador, seria necessário anotar as informações obtidas, pensar nas próximas perguntas que deveriam ser feitas e dar atenção à entrevistada, para não tornar a entrevista enfadonha.

Nesse caso, logo que encerramos a entrevista, dedicamo-nos a aprofundar os dados anotados com informações adicionais que não conseguimos escrever *a priori* ou sobre as quais só havíamos feito pontuações curtas, o que nos foi fundamental. Afinal, quando temos a entrevista gravada, podemos voltar ao áudio e reproduzi-lo quantas vezes quisermos para elucidar as questões que se nos apresentam. Contudo, se o entrevistado não aceita a gravação, como no caso em que relatamos, temos que encontrar mecanismos para sistematizar, com a maior riqueza de detalhes, as informações obtidas. Logo após a conversa, ainda temos as memórias das informações repassadas mais vivas, e isso facilita a sua recuperação – daí a importância de não demorar em fazer essa sistematização/aprofundamento das informações contidas no diário de campo ou no instrumento que se tenha utilizado para registrar os dados.

A despeito das dificuldades, essa foi uma entrevista deveras relevante, especialmente em dois sentidos:

1) Se tratava de uma trabalhadora inserida em uma função relacionada à administração científica da empresa, o que nos proporcionou uma aproximação com temas importantes, a

exemplo do conceito de cronoanálise, qualificado por nossa entrevistada como “*o estudo dos tempos e movimentos*”. Assim, travar o diálogo com essa trabalhadora nos foi fundamental para percebermos como o tempo é um elemento central para a indústria têxtil e como ele foi sofrendo adaptações no transcurso dos períodos. Mais especificamente, com a cronoanálise, as peças deixaram de ser produzidas se observando o cronômetro “manual” e passaram a ser determinadas a partir de um relatório produzido pelo setor de engenharia da produção, que verifica e impõe o menor tempo possível para realizar cada operação, a partir dos cálculos estabelecidos.

2) O questionamento acerca de alguns aspectos da realidade de seu cotidiano de trabalho gerara confrontos com as respostas que as demais operárias havia nos transmitido durante as entrevistas que já havíamos realizado. Uma dessas divergências dizia respeito à compreensão sobre o fenômeno da dispensa dos trabalhadores naquela unidade fabril. A constância na relação entre admissão/demissão foi um aspecto não apenas enfatizado, mas também bastante reforçado pelo conjunto dos operários e operárias que entrevistamos. Além disso, cumpre frisar que, para além das entrevistas realizadas, esse era um dado expresso em algumas matérias de jornais as quais tivemos acesso no decorrer da investigação. Para nós, portanto, esse era um fato incontestável. Todavia, na entrevista com Rosey Sorkin, o relato era de que as demissões ocorriam sem tanta regularidade, o que nos causou certa surpresa e nos motivou a elucidar os nexos que davam sustentação à fala de Rosey.

Aqui, reside mais um aspecto interessante da realização da técnica da entrevista. Em alguns casos, os relatos feitos pelos sujeitos entrevistados nos subsidiam para complementar e enriquecer, com novas determinações, informações fornecidas de maneira incompleta por determinados interlocutores. Em outras situações, a diversidade de relatos é importante porque apresenta divergências substantivas e, assim, abre possibilidades de análises fecundas sobre a realidade investigada. De fato, como apontam Beaud e Pialoux, a partir da sistematização de sua experiência de pesquisa com os operários da Peugeot:

As entrevistas não aparecem – ou não aparecem somente – como a ilustração de um modelo teórico previamente construído, mas antes são um instrumento essencial de investigação, uma ferramenta de construção de hipóteses sempre em transformação, como uma espécie de trampolim para a reflexão (2011, p. 307).

Particularmente no caso da entrevista realizada com Rosey Sorkin, o “trampolim para a reflexão” nos levou a crer que a posição de maior hierarquia dessa entrevistada em face aos demais trabalhadores corroborou para a construção de um discurso sintonizado, em alguma

medida, com a defesa da empresa ou daquilo que pudesse conferir uma análise benéfica da imagem da fábrica.

Ao término das entrevistas, é cordial que se agradeça a disponibilidade dos sujeitos e que, nesse movimento, verifique-se se eles apresentam disponibilidade para novos diálogos sobre a temática. Durante a nossa pesquisa, uma situação é exemplar a esse respeito. Por ocasião da consulta a um acervo fotográfico sobre a indústria estudada, chamou-nos atenção certos sistemas de luzes dispostos nas células de produção. Tais sistemas não tinham sido mencionados em nenhuma das entrevistas que havíamos realizado anteriormente. Diante desse fato, sentimo-nos motivados a compreendê-los melhor.

Como sabemos, faz parte do toyotismo regular a produção. Essa medida realizada, também, com a utilização de luzes com cores diferenciadas que, ao acenderem, podem demonstrar aos operários a necessidade de manter a produção regular ou, ainda, elevá-la ou diminuí-la, sempre de acordo com os interesses do capital.

Contudo, esses sistemas de luzes não pareciam fazer muito sentido, dado que a indústria investigada, por si só, não consegue confeccionar toda a produção necessária para suprir a demanda existente. Diante das indagações que nos rondavam e da possibilidade de um “retorno” para novas conversas estabelecidas com as entrevistadas, voltamos a dialogar com uma delas para questioná-la sobre esse mecanismo, momento no qual descobrimos que, de fato, nos anos 1990, tal sistema de luzes era utilizado para controlar a produção, mas que, recentemente, servia para facilitar a reposição de materiais: cada tonalidade de cor se referia a um utensílio necessário à costura (linha, agulha, etc.).

Para finalizar este relato de experiência, cumpre frisar que, no campo das pesquisas que se desenvolvem no âmbito das ciências sociais e humanas, defrontamo-nos com temáticas complexas, as quais, no mais das vezes, são difíceis de serem abordadas (SANTOS, *et al.*, 2014). Certamente, os estudos sobre o mundo do trabalho se enquadram nesse rol de dificuldades, posto que requisita dialogar sobre situações de exploração, violência, sofrimento psíquico, etc.

Nesse sentido, a realização de entrevistas com vistas a captar as condições e as relações de trabalho na indústria têxtil também expressam essa complexidade. Em uma das interlocuções realizadas, os rumos da conversa com Sam Lehrer trouxeram à tona lembranças de fatos e acontecimentos marcantes para a sua vida. Diante disso, ela não conteve as lágrimas. Nessa situação, o que fazer? A nossa primeira medida foi desligar o gravador e

esperar um tempo para que a mesma pudesse recompor suas emoções. Em seguida, perguntamos se gostaria que buscássemos uma água ou se precisava de algo.

No caso relatado, a trabalhadora se emocionou já durante a última pergunta, enquanto fazia suas considerações finais. Se tal fato tivesse se passado no início ou no meio da entrevista, acreditamos que uma medida possível seria indagá-la sobre a possibilidade de continuar a conversa em um outro momento.

De um modo ou de outro, independentemente do tipo da ocorrência, é preciso ter em mente que, em situações de desconforto, os sujeitos entrevistados devem ser priorizados. A nossa primazia não pode ser a busca pelos dados, pelas respostas e pelas informações que eles irão nos repassar. Enquanto pesquisadores, necessitamos ter sensibilidade para respeitar os limites e as dores das pessoas com quais estabelecemos diálogo, expressando solidariedade às mesmas.

No âmbito dos estudos sobre o trabalho, em especial aqueles que se direcionam a partir de uma perspectiva crítica e de totalidade, deparamo-nos com relatos de situações e com a produção de dados verdadeiramente impactantes. No processo de reflexão acerca de sua pesquisa de campo com os cortadores de cana no estado da Paraíba, Lucas Bezerra (2018) observou, corretamente, que, por muitas vezes, os estudos situados no campo temático do trabalho “[...] ao realçar[em] tanto a crueldade do capitalismo, acaba[m] por ignorar elementos importantes da experiência concreta dos trabalhadores” (BEZERRA, 2018, p. 23).

Por certo, não se trata de desenvolver os nossos estudos tendo em vista tecer uma crítica situada na direção de um anticapitalismo romântico. A crítica da sociabilidade capitalista e de seu sistema de metabolismos (MÉSZÁROS, 2009) deve ser mantida e aprofundada, inclusive pelo fato de que somente conhecendo os meandros dessa forma de organização societal é que poderemos envidar esforços para transformá-la, como já ensinaram os estudos de Marx e Engels, registrados na seção anterior. No ofício da pesquisa, ainda que insistam as relações de alienação que predominam no modo de produção capitalista, em especial na dimensão do estranhamento do homem em sua relação com o gênero humano (MARX, 2017), há que exercitarmos a nossa sensibilidade e praticarmos a nossa humanidade, para que a produção de dados tenha efetivamente sentido.

Considerações finais

Diante das transformações societárias que se desdobram na realidade contemporânea, a investigação das questões e dilemas que circundam o mundo do trabalho é um imperativo. Entendemos que essa tarefa pode se realizar de diversas maneiras e a partir de diferentes recortes temáticos, mas acreditamos que a aproximação das vozes, das experiências e dos espaços dinamizados pela classe-que-vive-do-trabalho (ANTUNES, 2009) é fundamental. Nesse sentido, corroboramos com Marx ([1880] 1982) ao enfatizar que os trabalhadores são centrais para dimensionar, com propriedade, suas condições de existência.

Neste artigo, a partir das lições e aprendizados extraídos das investigações já realizadas pela tradição marxista, expomos um conjunto de aspectos que nos permitem aprofundar o entendimento das condições de vida e existência da classe trabalhadora. No que tange especificamente ao relato de experiência apresentado, enfatizamos que, a despeito das dificuldades encontradas no percurso da produção de dados junto aos operários da indústria têxtil Casa de Costura, as informações obtidas e sistematizadas, a partir das entrevistas e das observações de campo, revelam aspectos sobre os quais necessitamos ter em conta.

Esperamos que o relato de experiência sistematizado nesse texto auxilie, de alguma forma, para que o ofício da pesquisa se faça de forma crítica e socialmente comprometida com os interesses dos “de baixo”. Mais especificamente, desejamos que as investigações realizadas nesse campo, possam contribuir para descortinar as contradições que atravessam o modo de produção capitalista e expor as condições que infletam o modo de ser da classe trabalhadora na realidade contemporânea. E, seguindo o exemplo de Marx e de Engels, que esses dados e informações descobertas possam ser convertidas em ação política transformadora, afinal, como já apregoou Marx (2012), os filósofos já interpretaram o mundo de diferentes formas, mas o que importa é transformá-lo!

Referências

ABILIO, Ludmila. *Sem maquiagem*: o trabalho de um milhão de revendedoras de cosméticos. São Paulo: Boitempo, 2014.

ALVES, Giovanni. *Trabalho e neodesenvolvimentismo*: choque de capitalismo e nova degradação do trabalho no Brasil. São Paulo: Canal 6/Práxis, 2014.

ALVES, Júlio César Leopardo. JACKSON FILHO, José Marçal. TRABALHO, SAÚDE E FORMAÇÃO POLÍTICA NA ENQUETE OPERÁRIA DE MARX. In: *Trab. educ. saúde*, vol.15, n.1, pp.13-31, 2017.

- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2009.
- BASSO, Pietro. *TEMPOS MODERNOS, JORNADAS ANTIGAS: Vidas de trabalho no início do século XXI*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2018.
- BEAUD, Stéphane. PIALOU, Michel. *Retorno à condição operária: investigação em fábricas da Peugeot na França*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- BEZERRA, Lucas. *O trabalho dos cortadores de cana na Paraíba dos anos 2000: exploração e produtividade*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social. Recife: UFPE, 2018.
- CABANES, Robert., GEORGES, Isabel., RIZEK, Cibele, TELLES, Vera. (orgs.). *Saídas de emergência: ganhar/perder a vida em São Paulo*. São Paulo, Boitempo, 2011.
- DAL ROSSO, Sadi. *Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo, 2010.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas da pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.
- GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. *As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- LANZARDO, Dario. Marx e a enquete operária. In: THIOLENT, Michael. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 3. ed. São Paulo: Polis, 1982. p. 233-246. (Série Teoria e História. 6).
- MARX, Karl. O questionário de 1880. In: THIOLENT, Michael. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 3. ed. São Paulo: Polis, 1982. p. 249-256. (Série Teoria e História. 6).
- _____. *Cadernos de Paris e Manuscritos Econômico-filosóficos*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.
- _____. Teses sobre Feurbach. In: NETTO, José Paulo. *O leitor de Marx*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2012.
- NETTO, José Paulo. Introdução ao estudo do método em Marx. In: CFESS/ABEPSS. *Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais*. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.
- THIOLENT, Michael. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 3. ed. São Paulo: Polis, 1982. (Série Teoria e História. 6).
- MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. São Paulo: Boitempo, 2009.

SANTOS, João Bosco Feitosa dos et. al, A entrevista como técnica de pesquisa do mundo do trabalho. In: ALVES, Giovanni. SANTOS, João Bosco Feitosa dos. (Orgs.). *Métodos e técnicas de Pesquisa sobre o mundo do trabalho*. Bauru: Práxis/Canal 6, 2014.

TRINDADE, Hiago. *No fio da meada: trabalho e precarização na indústria têxtil*. Baurú: Cana6/Práxis, 2017.